

VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

HOMOPARENTALIDADE: O DESENVOLVIMENTO SOCIOAFETIVO DOS FILHOS NA SOCIEDADE BRASILEIRA NO SÉCULO XXI

Laura Ferrai Moreira de Oliveira (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Luciana Lika Matsuda (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Prof. Dra. Záira Fátima de Rezende Gonzalez Leal (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: ferrarilaura@outlook.com

Palavras-chave: Homoafetividade. Psicologia histórico cultural. Família. Materialismo histórico-dialético.

A família, enquanto uma instituição social, vem sofrendo uma série de transformações em sua estrutura, com a constante modificação dos papéis de seus membros. No Brasil, particularmente a partir do século XXI, a homoparentalidade tem sido alvo de intensas discussões, tanto no âmbito midiático, como político e jurídico. Um dos principais pontos questionados é se pais homossexuais podem promover uma educação saudável e um desenvolvimento satisfatório a seus filhos. A fim de fornecer uma melhor compreensão acerca desse assunto, se faz necessário, antes de mais nada, entender historicamente a constituição familiar, bem como seus determinantes sociais e econômicos. O modelo de família burguesa e monogâmica, ainda predominante na contemporaneidade, se estabelece na sociedade, especialmente, a partir do século XIX, no bojo das transformações socioeconômicas da era moderna, nas quais o capitalismo encontra seu ápice. Frente a isso, a divisão de classes se acentua, determinada pelo modo de produção da vida material dos homens, a qual foi e ainda é a principal determinante da constituição familiar. Entretanto, devido ao predomínio desse padrão, frequentemente, encontram-se na sociedade práticas e discursos que naturalizam a estrutura burguesa e monogâmica, desprezando os fatores sociais e econômicos atuantes na construção desse modelo. Em decorrência disso, não raramente, qualquer outra configuração familiar que não se encaixe nos padrões estabelecidos e naturalizados, tem sido alvo, ao longo da história, de discursos e práticas preconceituosas e excludentes. A família homoafetiva representa um modelo familiar cuja estrutura não corresponde ao padrão dito natural, tornando-se, portanto, objeto de hostilidade e discriminação. Na contemporaneidade, especialmente a partir do século XXI, no Brasil, as famílias homoafetivas vêm reivindicando seu espaço na sociedade, buscando a igualdade de direitos, em especial no que diz respeito ao

VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

combate à homofobia, legalização do matrimônio e a adoção de crianças. Em reação a isso, discursos conservadores e violentos se propagam, entre eles, a concepção de que pessoas homossexuais não podem promover um desenvolvimento psíquico pleno e sadio de seus filhos. Frente a isso, a pesquisa realizada tem o objetivo de compreender quais os fatores atuantes no desenvolvimento socioafetivo de crianças, bem como buscar elementos que demonstrem que a homoparentalidade não representa uma condição negativa para esse desenvolvimento. Para tanto, a presente pesquisa se fundamenta na teoria histórico-cultural e no marxismo, utilizando o método materialista histórico-dialético, e metodologia teórico-conceitual de cunho bibliográfico. Por meio das teorias utilizadas, bem como do materialismo histórico, tornou-se possível realizar uma retomada histórica sobre família e sexualidade, assim como compreender o desenvolvimento de funções psíquicas como a afetividade, a partir de seu aspecto social e objetivo. Em decorrência desses aspectos, responsáveis pelo desenvolvimento do psiquismo infantil, torna-se possível compreender a afetividade enquanto uma função psíquica cujo desenvolvimento se dá a partir da atividade empreendida, por meio da manipulação de objetos sociais. Dessa forma, uma vez que a relação entre a criança e o mundo externo seja efetivamente mediada por seu meio social, é possível compreender que seu psiquismo, do qual a afetividade é uma constituinte, se desenvolva. Frente a isso, é viável supor que a condição homoparental não seja um determinante no desenvolvimento socioafetivo dos filhos, mas sim, a mediação realizada pelos pais, e por outros adultos participantes da vida da criança, promovendo a apropriação das normas sociais que, ao serem refletidas psiquicamente, ocasionam o desenvolvimento da personalidade infantil. Compreender o desenvolvimento socioafetivo a partir de seus aspectos sociais permite sair do âmbito biologicista que leva à patologização, bem como à medicalização infantil. Ademais, ao analisar a família, bem como a sexualidade, a partir de seus determinantes históricos e sociais, viabiliza-se uma compreensão mais ampla e menos estigmatizante das instituições familiares, e seus mais variados modelos. Com isso, há a possibilidade da difusão de discursos e práticas que combatam a violência sofrida por famílias homoafetivas, objetivando a equidade de direitos perante a sociedade, além de servir de base para futuras pesquisas no âmbito acadêmico, fomentando a criação de leis e políticas públicas que promovam essa equidade.